

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARINARA GONÇALVES MAGALHÃES

“ME MATARAM ONTEM, MAS NUNCA ME SENTI TÃO VIVO”: a música como
ferramenta no processo de construção de identidade de adolescentes LGBTQIAPN+

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

MARINARA GONÇALVES MAGALHÃES

“ME MATARAM ONTEM, MAS NUNCA ME SENTI TÃO VIVO”: a música como ferramenta no processo de construção de identidade de adolescentes LGBTQIAPN+

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Júnior.

MARINARA GONÇALVES MAGALHÃES

“ME MATARAM ONTEM, MAS NUNCA ME SENTI TÃO VIVO”: a música como ferramenta no processo de construção de identidade de adolescentes LGBTQIAPN+

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JÚNIOR

Membro: PROF. ESP. NADYELLE DINIZ GINO - UNILEÃO

Membro: PROF. ME. MARCOS TELES DO NASCIMENTO - UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

“ME MATARAM ONTEM, MAS NUNCA ME SENTI TÃO VIVO”: a música como ferramenta no processo de construção de identidade de adolescentes LGBTQIAPN+

Marinara Gonçalves Magalhães¹
Francisco Francinete Leite Júnior²

RESUMO

A música, enquanto manifestação artística e cultural, acompanha a história da humanidade e expressa diferentes modos de existir, sentir e se relacionar. Na contemporaneidade, configura-se como um espaço de escuta e reconhecimento, especialmente para sujeitos que vivem à margem das normas sociais, como adolescentes LGBTQIAPN+. Considerando sua importância na constituição subjetiva, este trabalho teve como objetivo compreender de que forma a música contribui para o processo de construção da identidade de adolescentes LGBTQIAPN+. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com abordagem etnográfica, mais especificamente a etnografia musical — ou etnomusicologia —, fundamentada na análise discursiva. Foram analisadas quatro canções da cena musical brasileira contemporânea: Tempos de Glória, de Jão, Te Amo sem Culpa, de Carol Biazin, Preta de Anavitória e Intimidade, de Liniker e os Caramelows, que abordam temas como afetividade, pertencimento e resistência. A análise evidenciou que a música constitui um espaço para a construção e afirmação identitária, possibilitando que adolescentes LGBTQIAPN+ expressem e ressignifiquem suas vivências. Assim, a música atua como mediadora na formação subjetiva, favorecendo processos de autoaceitação e pertencimento diante das normas sociais excludentes.

Palavras-chave: música; adolescência; identidade LGBTQIAPN+; psicologia.

ABSTRACT

Music, as an artistic and cultural manifestation, has accompanied human history by expressing different ways of existing, feeling, and relating. In contemporary times, it has become a space for listening and recognition, especially for individuals who live on the margins of social norms, such as LGBTQIAPN+ adolescents. Considering its importance in subjective constitution, this study aimed to understand how music contributes to the process of identity construction among LGBTQIAPN+ adolescents. This is a qualitative and exploratory research, based on an ethnographic approach — more specifically, musical ethnography or ethnomusicology — supported by discourse analysis. Four songs from the contemporary Brazilian music scene were analyzed: Tempos de Glória (Jão), Te Amo sem Culpa (Carol Biazin), Preta (Anavitória), and Intimidade (Liniker e os Caramelows), which address themes such as affectivity, belonging, and resistance. The analysis showed that music constitutes a space for identity construction and affirmation, allowing LGBTQIAPN+ adolescents to express and reframe their experiences. Thus, music acts as a mediator in subjective formation, fostering processes of self-acceptance and belonging in the face of exclusionary social norms.

Keywords: music; adolescence; LGBTQIAPN+ identity; psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marinaragm@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A música como ferramenta no processo de construção de identidade de adolescentes LGBTQIAPN³ é o tema que norteia este estudo. Essa escolha parte do reconhecimento do papel fundamental que a música desempenha como linguagem e meio de expressão, especialmente entre adolescentes em processo de construção identitária. Para adolescentes LGBTQIAPN+, cujas vivências muitas vezes são atravessadas por exclusões, preconceitos e violência, a música pode se constituir como um canal de reconhecimento, afirmação e pertencimento (Cardoso, 2021).

Nesse sentido, compreender o papel da música no processo de construção de identidade exige considerar as especificidades da adolescência, período marcado por intensas transformações biopsicossociais, sendo atravessado por mudanças na imagem corporal, nos vínculos afetivos, nos desejos e na compreensão do mundo. Trata-se de um momento de descobertas e redefinições, em que os jovens buscam compreender a si mesmos e encontrar seu lugar no mundo. Nesse processo, elementos do ambiente sociocultural exercem influência significativa na constituição subjetiva do adolescente, tornando essa experiência diversa e singular. O adolescente passa a buscar novos modelos de identificação em referências externas, como artistas, líderes políticos, professores e amigos, em quem encontra valores com os quais possa se reconhecer e se construir (Moraes, 2009).

Dessa forma, a música, enquanto artefato cultural, ocupa um lugar central na expressão de afetos e ideias. Para além de sua dimensão estética, ela também mobiliza aspectos subjetivos e emocionais, funcionando como um espaço de elaboração de vivências e de construção de sentidos. Ao longo da história, foi utilizada como ferramenta política, social e de resistência, sendo capaz de mobilizar discursos, questionar normas e criar espaços de pertencimento. No Brasil, esse potencial se evidenciou de maneira expressiva durante a ditadura militar instaurada em 1964, período marcado por censura, repressão e silenciamento de vozes dissidentes. Diante da tentativa do regime de controlar a produção cultural e eliminar posicionamentos contrários, a música popular brasileira tornou-se um importante instrumento de crítica social (Ribeiro, 2024).

Desde o movimento Tropicália, surgido em 1967, a música assume papel central ao articular inovação estética e posicionamento político. Liderado por Caetano Veloso e Gilberto

³ Sigla que reúne Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, pessoas Não Binárias e o “+”, que inclui outras identidades e orientações não nomeadas diretamente, mas que fazem parte dessa diversidade.

Gil, junto a artistas como Gal Costa, Tom Zé, Os Mutantes e Nara Leão, o movimento rompeu com os padrões musicais da época e tensionou valores conservadores ao incorporar referências populares e internacionais. Usando metáforas e ironias para driblar a censura, a Tropicália revolucionou a linguagem musical e se consolidou como forma de resistência, onde “vozes marginalizadas puderam se expressar, denunciar injustiças e construir novas identidades coletivas” (Silva, 2024, p. 445).

Atualmente, a música continua sendo uma ferramenta transformadora e um espaço de expressão de vivências dissidentes, especialmente no que se refere à comunidade LGBTQIAPN+. Através de muita luta e resistência, houveram avanços na sociedade e na cultura que permitiram que artistas da comunidade se tornassem símbolos de representatividade e afirmação de existências e identidades (Cardoso, 2021). No cenário musical contemporâneo, artistas como Jão, Carol Biazin, Anavitória e Liniker têm construído repertórios que abordam afetos que fogem às normas sociais, questões de gênero e sexualidade, contribuindo para a visibilidade e afirmação dessas existências. Enquanto sujeitos que também constroem discursos, cantam, contam e legitimam narrativas, esses artistas ocupam um papel importante na mediação de experiências subjetivas que nem sempre encontram lugar em outros espaços sociais, especialmente no contexto da adolescência (Cannavô; Habowski; Santos, 2024).

Diante desse cenário, a pergunta que orienta este trabalho é: de que forma as músicas produzidas por artistas brasileiros contemporâneos contribuem para o processo de construção da identidade de adolescentes LGBTQIAPN+?

Nesse viés, a escolha deste tema se justifica, em primeiro lugar, por uma motivação pessoal: a música teve papel fundamental na adolescência da autora e no seu processo de construção de identidade, enquanto pessoa LGBTQIAPN+. Em meio a inseguranças e ao sentimento de não pertencimento, foram as músicas e os artistas com os quais se identificou que a ajudaram a dar nome às suas experiências, legitimar seus afetos e encontrar um espaço de acolhimento. Do ponto de vista social, a adolescência é um período desafiador para essa população, atravessada por preconceitos e dispositivos de controle que dificultam a vivência de sua sexualidade e identidade de gênero. Nessa conjuntura, a música pode funcionar como espaço de resistência e legitimação da diversidade. Em termos acadêmicos, ainda são poucos os estudos que relacionam música e identidade LGBTQIAPN+ na adolescência. Assim, esta pesquisa nasce também do desejo de transformar uma experiência pessoal em campo de investigação científica, contribuindo para a Psicologia ao ampliar o olhar sobre os processos subjetivos mediados pela cultura, especialmente no que diz respeito à construção da identidade e ao sentimento de pertencimento.

O presente estudo tem como objetivo geral compreender como a música contribui para o processo de construção da identidade de adolescentes LGBTQIAPN+, por meio da análise de letras de músicas que dialogam com o adolescer e com vivências LGBTQIAPN+. Nesse sentido, tem como objetivos específicos: contextualizar a identidade e desafios vivenciados na adolescência LGBTQIAPN+; refletir sobre o papel da música como espaço de resistência e representatividade LGBTQIAPN+ no cenário cultural atual; investigar como os artistas dessa comunidade se tornam referências para adolescentes LGBTQIAPN+, contribuindo para processos de identificação e pertencimento; analisar, nas letras de artistas brasileiros contemporâneos, os discursos sobre identidade, afetividade e diversidade sexual e de gênero.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com abordagem etnográfica, mais especificamente a etnografia musical — ou etnomusicologia. A pesquisa qualitativa se caracteriza por valorizar o ambiente natural como fonte direta de dados, tendo o pesquisador como instrumento central na coleta e interpretação das informações. Além disso, busca compreender os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências e vivências, adotando um enfoque indutivo, que parte da realidade observada para a construção de interpretações e reflexões teóricas (Neves, 1996). Por se tratar de uma pesquisa exploratória, o estudo visa proporcionar maior familiaridade com o fenômeno investigado, permitindo torná-lo mais explícito e aprofundar a compreensão sobre ele. Para isso, adota-se um planejamento flexível, que possibilita abarcar diferentes aspectos relacionados ao objeto de estudo, especialmente no que se refere às experiências subjetivas dos adolescentes LGBTQIAPN+, por meio da análise de letras de músicas e do contexto cultural em que circulam (Gil, 2018).

A etnografia musical, enquanto campo interdisciplinar, combina elementos da música, da antropologia e da etnografia para investigar as manifestações musicais dentro de seus contextos sociais e culturais. Oscilando entre a análise de sistemas musicais e a descrição de práticas culturais, essa abordagem reconhece a influência de características sociais e culturais na experiência musical, mais do que apenas em sua forma ou estrutura. Nesse sentido, busca-se compreender como a música se articula com os modos de vida de determinados grupos, destacando sua especificidade cultural e identitária (Nattiez; Lacerda; Coelho, 2020).

Para isso, o *corpus* da pesquisa foi composto por quatro letras de músicas de artistas brasileiros contemporâneos dos gêneros pop e nova MPB, lançadas entre os anos de 2018 e

2025: Tempos de Glória, de Jão; Te Amo sem Culpa, de Carol Biazin; Intimidade, de Liniker e os Caramelows; e Preta, de Anavitória. A escolha dessas canções se deu pelo fato de dialogarem diretamente com vivências LGBTQIAPN+, abordando temas como afeto, pertencimento, identidade e resistência. Além disso, todos os artistas selecionados fazem parte dessa comunidade e possuem grande parte de seu público formado por adolescentes, o que reforça seu papel como referências culturais e identitárias para esse público. Ao delimitar o *corpus* em quatro músicas, busca-se garantir uma análise aprofundada e consistente, viabilizando a articulação entre a dimensão discursiva das letras e os contextos culturais em que estão inseridas.

A análise foi orientada pela Análise do Discurso, de base foucaultiana, que compreende o discurso como prática social que não apenas representa, mas produz sentidos, saberes e subjetividades (Ferreira; Traversini, 2013). Nesse sentido, os discursos não se limitam a utilizar signos para representar coisas, mas operam na constituição dos próprios objetos de que falam (Foucault, 2007). Assim, a análise das letras buscou identificar como são produzidos sentidos sobre identidade, sexualidade, pertencimento e resistência, considerando os enunciados, metáforas, repetições e o contexto de circulação das músicas, bem como a posição dos artistas como produtores de discurso e o impacto dessas narrativas no processo de subjetivação de adolescentes LGBTQIAPN+.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 A adolescência LGBTQIAPN+: Identidade e Desafios

A adolescência configura-se como um período de ampliação da autonomia, experimentação de novas vivências e construção identitária. É durante essa fase que a sexualidade assume um papel central no desenvolvimento psicossocial, ao mesmo tempo em que se inicia a afirmação da identidade de gênero e da orientação sexual. Trata-se de um processo marcado por transformações subjetivas, pela busca de sentido e por expectativas sociais que atravessam a constituição dos adolescentes. Além das suas dimensões individuais, a adolescência deve ser compreendida como uma construção social e histórica, vivida de maneira diversa e atravessada por fatores como classe, raça, gênero, sexualidade, religião e contexto cultural (Marinho, 2016). Por essa razão, torna-se mais adequado falar em adolescências, no plural, reconhecendo que os modos de vivenciar essa etapa variam conforme as condições socio-históricas de cada sujeito (Costa, 2022).

Nesse contexto, é importante considerar que, quando as experiências adolescentes destoam do padrão cisheteronormativo, surgem conflitos, inseguranças e sentimentos de inadequação (Cavalcante; Pereira, 2023). A cisheteronormatividade, entendida como um regime social que legitima apenas as vivências baseadas na correspondência entre o gênero atribuído no nascimento e a atração por pessoas do sexo oposto, marginaliza aqueles que não se encaixam nesse padrão, impactando diretamente adolescentes LGBTQIAPN+, comprometendo seus processos de formação subjetiva, social e afetiva (Costa, 2022).

Para compreender de forma mais aprofundada essa dinâmica, é necessário recorrer à noção de construções sociais. Toda construção social refere-se a aspectos produzidos coletivamente pelas pessoas, os quais se acumulam ao longo do tempo e passam a ser difundidos nas relações sociais. Essas construções não são universais ou fixas, mas podem ser percebidas, compreendidas e reconhecidas de modos distintos, a depender do contexto histórico e cultural em que se inserem. Uma vez criadas, passam a operar em diferentes níveis, sendo o mais profundo o inconsciente, onde se cristalizam como verdades naturalizadas, reproduzindo-se de maneira automática e influenciando percepções, comportamentos e modos de relação. Nesse sentido, normas de gênero e sexualidade também se constituem como construções sociais que, ao se cristalizarem, orientam expectativas sociais e regulam as vivências de adolescentes (Lapolli; Paranhos; Willerding, 2022).

Essa perspectiva conecta-se com o conceito de dispositivo, proposto por Foucault (2014). O dispositivo é entendido como uma rede que articula discursos, instituições, normas, leis, saberes e até o que permanece silenciado, funcionando como um mecanismo de organização da vida social. Ao atravessar tanto as estruturas institucionais quanto a experiência subjetiva, o dispositivo produz modos de pensar, agir e sentir, legitimando determinadas condutas, enquanto marginaliza outras. Nessa lógica, o dispositivo atua como uma estratégia de poder que regula comportamentos e sustenta hierarquias, impactando diretamente a vivência de adolescentes LGBTQIAPN+.

O padrão cisgênero e heterossexual funciona, assim, como referência normativa, sustentando uma hierarquização das sexualidades em que todas as expressões divergentes são colocadas em posições inferiores. Essa lógica promove práticas de exclusão, julgamento moral e repressão das identidades de gênero e sexuais dissidentes, contribuindo com a produção do sentimento de vergonha, medo e repressão em adolescentes que não se encaixam nas expectativas sociais (Cavalcante; Pereira, 2023). O imaginário social ainda resiste ao reconhecimento da legitimidade dessas diferenças. Instituições sociais, como a escola, a família

e os serviços de saúde, muitas vezes reforçam essas normas e contribuem para a reprodução de violências simbólicas e concretas (Santana; Ceccarelli, 2020).

Nesse sentido, Lapolli, Paranhos e Willerding (2022) destacam alguns dispositivos basilares que sustentam o regime cisheteronormativo. O primeiro é o binarismo estrutural, que organiza o mundo a partir de oposições excludentes, como masculino e feminino, bem e mal, normal e anormal, inviabilizando a existência de outras possibilidades. O segundo é o patriarcalismo, entendido como a internalização e reprodução de hierarquias e normas de dominação masculina nas relações sociais, especialmente, no âmbito familiar. A família, enquanto instituição, muitas vezes, regula comportamentos, sexualidade e autonomia dos membros, reforçando papéis de gênero rígidos e moldando expectativas de conduta desde a infância. Por fim, a tendência à normalização refere-se à padronização social que, ao estabelecer normas, cria o desvio e a anormalidade, atribuindo a esta última um caráter pejorativo. Esses dispositivos, operando de forma implícita e explícita, atuam na produção e reprodução de desigualdades que impactam diretamente a experiência desses adolescentes, reforçando processos de exclusão e marginalização.

Dessa forma, a trajetória identitária de adolescentes LGBTQIAPN+ ocorre em um contexto marcado por tensões, silenciamentos e ausência de reconhecimento. A construção de uma imagem positiva de si torna-se um desafio quando as experiências de gênero e sexualidade não se alinham às normas sociais vigentes. Esses jovens, muitas vezes, não encontram espaços seguros para expressar quem são, o que impacta diretamente o desenvolvimento de sua identidade. Com frequência, enfrentam estigmas e a dificuldade de se verem representados nos vínculos familiares, escolares e sociais (Guida *et al.*, 2024).

Compreender essa trajetória exige reconhecer que a identidade não é fixa, imutável ou puramente individual, mas algo que se constrói na relação com o outro, no convívio social e no contexto histórico e cultural em que o sujeito está inserido. A adolescência é justamente o período em que essa construção se intensifica, com valores, crenças e comportamentos passando a compor a percepção de si mesmo. Embora a identidade continue se formando ao longo da vida, é nessa etapa que aparece de forma significativa, impulsionada pela capacidade ampliada do adolescente de se relacionar consigo, com o outro e com o mundo (Guida *et al.*, 2024).

A família, como primeiro espaço de socialização, exerce papel central na formação subjetiva dos adolescentes. Contudo, para aqueles que expressam uma identidade de gênero ou orientação sexual dissidente, o ambiente familiar pode se tornar um espaço de vulnerabilidade. A rejeição, as tentativas de correção comportamental e a imposição de papéis de gênero

baseados no sexo biológico são formas frequentes de violência, muitas vezes simbólica e, por vezes, física. Espera-se que crianças e adolescentes correspondam a expectativas rígidas quanto ao gênero, e a quebra dessas expectativas pode resultar em silenciamento, exclusão e sofrimento psíquico (Franco, 2015).

A escola, outro espaço estruturante da vida adolescente, frequentemente também atua como reprodutora das normas cisheteronormativas. Adolescentes LGBTQIAPN+ são alvos de *bullying*, assédio, invisibilidade e deslegitimação de suas identidades, tanto por colegas quanto por profissionais da educação. A ausência de formação adequada para lidar com questões de diversidade, a persistência de currículos excludentes e a imposição de papéis de gênero tornam a escola um ambiente hostil para aqueles que não se alinham à norma. Essa violência impacta diretamente o desempenho acadêmico, contribui para o isolamento social, eleva os índices de evasão escolar e compromete a trajetória educacional desses jovens (Leite, 2018; Fedeger *et al.*, 2021).

Por fim, os serviços de saúde, que deveriam atuar como espaços de escuta e cuidado, muitas vezes reforçam o estigma e a patologização das identidades LGBTQIAPN+. O despreparo de parte dos profissionais, aliado a discursos moralizantes e normativos, afasta os adolescentes desses serviços, gerando medo de julgamento, discriminação e revitimização. Essa barreira ao acesso ao cuidado agrava quadros de sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão e ideação suicida. Ao se depararem com uma rede de proteção que os silencia ou invalida, esses jovens percebem suas identidades constantemente negadas, o que compromete seu bem-estar, desenvolvimento integral e o sentimento de pertencimento social (Cavalcante; Pereira, 2023).

Nesse contexto, a representatividade desempenha um papel essencial. A construção da identidade se dá, em parte, por meio da identificação com figuras de referência, e a ausência de pessoas ou discursos que validem a existência de sujeitos LGBTQIAPN+ contribui para o apagamento de suas experiências. Desde muito cedo, esses jovens convivem com um mundo que nega ou invisibiliza corpos dissidentes, dificultando a formação de uma autoestima sólida. Quando não encontram ninguém com quem se identificar, seja na família, na escola, na mídia ou em outras instâncias, torna-se mais difícil se reconhecer como alguém possível e digno de pertencimento. Esse silenciamento histórico compromete o desenvolvimento subjetivo e torna mais doloroso o processo de afirmação da própria identidade (Marciano, 2021).

Em meio aos conflitos identitários, à falta de reconhecimento e às restrições impostas pela cisheteronormatividade, adolescentes LGBTQIAPN+ buscam lugares onde possam existir plenamente. A música se mostra como um desses espaços, não apenas uma via de expressão

afetiva, mas um campo onde suas experiências são validadas, nomeadas e ampliadas. Ela legitima outras formas de ser e viver, abrindo brechas para que esses jovens se reconheçam e construam sentidos para si.

2.2.2 A música enquanto recurso de expressão na adolescência

A música sempre esteve presente na história da humanidade, acompanhando os povos desde os tempos mais remotos. Seus primeiros sons nasceram da própria natureza, com o canto dos pássaros, o barulho do vento, da chuva e dos animais e, aos poucos, foram incorporados às práticas humanas, marcando rituais, celebrações e formas de se comunicar. Registros como pinturas rupestres e inscrições nas pirâmides mostram que civilizações antigas, como os egípcios, assírios e babilônicos, já faziam uso de instrumentos musicais em seus contextos culturais e religiosos. Isso revela o quanto a música, desde sempre, ocupa um papel expressivo na vida humana (Correa, 1975). E essa importância permanece até hoje, atravessando o cotidiano, preenchendo espaços e desempenhando um papel fundamental nas relações e na vida social (Magalhães; Felipe, 2022).

Ao longo da história, a música deixou de ser apenas uma prática intuitiva e passou a ser também objeto de estudo, reflexão e sistematização. Cada cultura, ao seu modo, atribuiu diferentes funções a ela, como meio de comunicação, expressão artística ou maneira de traduzir sentimentos, histórias e crenças. À medida que as sociedades se transformavam, surgiam também novas formas de compreender, representar e pensar a música, que foi ganhando novos significados e complexidade, sem, no entanto, se distanciar de seu papel central na experiência humana (Florêncio, 2016).

Sabe-se que a adolescência é um período atravessado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, no qual o jovem se vê diante do desafio de construir sua própria identidade em meio às múltiplas pressões, expectativas e contradições do meio em que está inserido. Esse processo acontece de forma relacional, sendo profundamente influenciado pelo contexto social, histórico e cultural, marcado por desigualdades e diferentes formas de viver e se expressar. Nesse percurso, a música pode se tornar um recurso importante, oferecendo ao adolescente um espaço para organizar suas emoções, elaborar vivências, expressar sentimentos e refletir sobre sua própria existência e seu lugar no mundo (Zdebskyi; Máximo; Pereira, 2021).

Mais do que uma simples fonte de entretenimento, a música se apresenta como uma linguagem significativa, por meio da qual os adolescentes podem se expressar, afirmar escolhas e, muitas vezes, se diferenciar de uma sociedade que tende à padronização e à massificação. As preferências musicais, os estilos que adotam e os artistas com quem se identificam tornam-se

ferramentas de construção de identidade e de posicionamento frente ao mundo. Dessa forma, a música não só ajuda os jovens a ressignificar suas vivências e a elaborar sua própria trajetória, como também abre espaço para que questionem normas, desafiem imposições e construam sentidos mais autênticos sobre quem são e onde desejam estar (Magalhães; Felipe, 2022).

A música, enquanto manifestação artística e cultural, vai muito além do som. Ela carrega símbolos, significados e representações que são construídos social e historicamente. Ao escutar ou produzir música, o sujeito se envolve em processos que mobilizam afetos, valores, memórias e modos de ver o mundo. Trata-se de um fenômeno social que não se apresenta de forma isolada, mas que se entrelaça com a cultura, com os contextos históricos e com as práticas do cotidiano. Ao ser apropriada por diferentes indivíduos e grupos, conforme suas vivências e trajetórias, a música contribui para a constituição da realidade tanto em sua dimensão coletiva quanto individual, funcionando como um espaço de construção da subjetividade (Silva; Paulino-Pereira; Amorim, 2023).

A identidade, nesse contexto, é compreendida como algo que se constitui em relação ao meio, aos discursos, às representações e às experiências compartilhadas. A maneira como os sujeitos são retratados, especialmente nos meios de comunicação, interfere diretamente em como eles se reconhecem, ou não, como parte de determinados grupos. A ausência de representações diversas e a presença massiva de imagens hegemônicas criam barreiras simbólicas que dificultam a identificação dos jovens com narrativas que validem suas vivências. A linguagem e a representação desempenham, assim, papel central na construção identitária, pois, ao "dizer-se" sobre um grupo, cria-se um imaginário social que pode incluir ou excluir, reconhecer ou apagar sujeitos e suas trajetórias (Bartolomé, 2019).

Visto que o vínculo entre música e identidade ultrapassa o âmbito individual, pois se constrói de forma coletiva, o que se ouve, se produz e se compartilha carrega marcas das origens, dos modos de vida e das formas de pensar de determinados grupos sociais. Nesse sentido, a música não apenas reflete, mas também fortalece vínculos locais, expressa modos de ser e pode se tornar uma importante ferramenta de resistência, especialmente em contextos que deslegitimam ou invisibilizam determinadas existências. Ao atuar como uma ponte entre o sujeito e o mundo que o cerca, a arte musical participa ativamente da construção da consciência, do sentimento de pertencimento e da autoafirmação, permitindo que os indivíduos se reconheçam, se posicionem e atribuam sentido às suas próprias histórias (Souza; Santos, 2021).

Para adolescentes que não se enquadram no padrão heteronormativo vigente na sociedade, esse processo pode ser ainda mais desafiador. O reconhecimento e a vivência de uma sexualidade dissidente frequentemente são atravessados por experiências de discriminação,

exclusão e silenciamento, impactando diretamente a construção da identidade e o sentimento de pertencimento social (Santos *et al.*, 2018). Diante disso, a música surge como uma importante ferramenta de expressão, identificação e acolhimento. Para muitos adolescentes, ela representa um canal privilegiado para expressar sentimentos, refletir sonhos e elaborar vivências. Suas preferências musicais tendem a se alinhar com suas experiências pessoais, tornando a música um recurso fundamental na construção da identidade e funcionando como um espaço onde suas vivências são nomeadas, reconhecidas e validadas (França; França; Brito, 2025).

Para esses adolescentes, que muitas vezes carecem de espaços seguros, onde suas vivências sejam legitimadas, a música representa um espaço de liberdade e afirmação. Por meio de letras, ritmos e figuras públicas que desafiam normas tradicionais de gênero e sexualidade, esses jovens encontram apoio para afirmar sua identidade. A música oferece a experiência de pertencimento e autenticidade, funcionando como uma forma de resistência contra as exclusões e silenciamentos que vivenciam cotidianamente (Magalhães; Felipe, 2022).

2.2.3 Representatividade LGBTQIAPN+ no cenário musical contemporâneo

A música, além de expressão estética, é também um lugar onde histórias são contadas, sentidos sobre si e sobre o mundo são construídos e subjetividades ganham voz. No cenário brasileiro atual, é possível perceber um crescimento significativo da presença de artistas LGBTQIAPN+ no universo musical, especialmente no gênero POP e nova MPB. Mais do que ocupar palcos, essas vozes têm mobilizado afetos, rompido silêncios e produzido narrativas que tensionam as normas de gênero e sexualidade ainda fortemente enraizadas na sociedade (Silva; Paulino-Pereira; Amorim, 2023).

Para muitas pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, principalmente adolescentes, encontrar essas vozes no cenário musical é como se ver existindo de forma legítima, por meio da arte. Almeida e Cury (2019) apontam que muitos artistas relatam não terem tido figuras públicas com as quais se identificassem durante sua construção identitária e como isso dificultou o reconhecimento de si como sujeitos possíveis de existir fora da norma cisheterossexual. Hoje, ao ocuparem espaços de grande visibilidade, esses artistas passam a representar essa possibilidade de existência, servindo como referência para outros jovens que vivem experiências semelhantes.

A identificação com esses artistas não é apenas estética, é afetiva e política. Ao verem suas vivências representadas, esses sujeitos se sentem parte de uma comunidade, o que pode oferecer o sentimento de pertencimento. Essa consciência de representatividade é o que leva

muitos desses artistas a se posicionarem politicamente através de suas produções, expondo não apenas sua arte, mas também suas experiências pessoais como forma de resistência e fortalecimento coletivo. Para muitos sujeitos LGBTQIAPN+, as letras de músicas funcionam como um espaço de acolhimento e expressão. Em contextos onde a vivência é atravessada por preconceito e exclusão, a música se configura como um canal onde é possível manifestar dores, afetos e desejos (Almeida; Cury, 2019).

A presença de artistas que desafiam normas de gênero e sexualidade na música brasileira tem raízes em figuras marcantes como, também, Ney Matogrosso e o grupo Dzi Croquettes, cujas performances ousadas e estéticas provocativas romperam com padrões normativos e abriram espaço para outras formas de expressão dissidente. No entanto, é apenas mais recentemente, com os anos 2000, que essas identidades passaram a ocupar o cenário musical de maneira mais explícita, visível e assumida, rompendo com os silenciamentos. Durante muito tempo, assumir publicamente uma identidade LGBTQIAPN+ no meio artístico era motivo de silenciamento, censura ou marginalização. Hoje, graças às lutas históricas e à força das mídias digitais, artistas dessa comunidade não apenas se mostram como são, mas fazem da sua existência um posicionamento político e estético, conquistando espaço nas grandes plataformas, gravadoras e mídias de massa (Cavalcanti, 2018).

O avanço das tecnologias e das mídias digitais teve um papel fundamental nesse processo. A internet possibilitou voz a quem antes era silenciado, abrindo espaço para que artistas LGBTQIAPN+ pudessem circular com mais liberdade, alcançando públicos diversos e escapando das lógicas normativas das grandes gravadoras. Nesse ambiente, a música se torna ainda mais potente: ela informa, emociona, provoca e transforma, ao mesmo tempo em que se firma como espaço legítimo de construção de memórias, afetos e formas de existir no mundo (Silveira, 2018).

Artistas da comunidade LGBTQIAPN+ passaram a ocupar os grandes palcos, plataformas de *streaming* e programas de televisão, deixando de ser vozes restritas a nichos e conquistando um lugar de destaque no cenário cultural contemporâneo. Entre esses nomes, destacam-se artistas como Jão, Carol Biazin, Anavitória e Liniker, que vêm ganhando cada vez mais espaço na mídia atual ao abordarem afetos, subjetividades e experiências dissidentes em suas composições. Essa visibilidade amplia as possibilidades de identificação e permite que cada vez mais sujeitos dissidentes possam se ver e se afirmar nas múltiplas formas de expressão musical (Santana; Santos, 2018).

Diante disso, a música além de ser arte, passa a ser também resistência, linguagem, memória e política. Ao cantar outras formas de amar, desejar e existir, os artistas dessa

comunidade não apenas expressam vivências pessoais, mas contribuem ativamente para ressignificar o que é ser LGBTQIAPN+ no Brasil, transformando a música em um espaço legítimo de construção identitária e de transformação social.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo, foram selecionados quatro artistas da cena musical brasileira contemporânea: Jão, Carol Biazin, Anavitória e Liniker, cujas produções dialogam diretamente com questões de identidade, afetividade e representatividade da comunidade LGBTQIAPN+. A escolha desses nomes se fundamenta na presença significativa que ocupam no cenário musical e na forma como suas obras abordam temáticas relacionadas ao amor, à aceitação e à liberdade de ser e amar, especialmente em diálogo com o público adolescente.

Jão tem se consolidado como um dos nomes do pop brasileiro que mais exploram as experiências afetivas, sob uma ótica não heteronormativa. Assumidamente bissexual, o cantor utiliza sua produção artística como meio de expressão e reflexão sobre o amor e o preconceito, articulando narrativas que tensionam normas de gênero e sexualidade.

Carol Biazin, por sua vez, aborda em suas composições temas ligados à afetividade e à vivência lésbica, inserindo-se em um movimento de maior visibilidade de artistas LGBTQIAPN+ no pop nacional. Sua obra contribui para a ampliação de representações de amor e identidade na música contemporânea, aproximando-se de questões que dialogam com o cotidiano de adolescentes.

A dupla Anavitória, formada por Ana Caetano e Vitória Falcão, também se insere nesse contexto. Embora não explicitem posicionamentos sobre orientação sexual, suas composições trazem abordagens que ressignificam o amor romântico, explorando dimensões de liberdade, afeto e sensibilidade. Essa característica possibilita diferentes formas de identificação e escuta.

Liniker, cantora, compositora e atriz, constitui uma referência importante para a visibilidade de pessoas trans e travestis na música brasileira. Desde sua trajetória com a banda “Liniker e os Caramelows” até sua carreira solo, suas produções evocam temas como afeto, identidade e resistência, articulando a experiência artística com discursos políticos e de afirmação de existências dissidentes.

Em comum, esses artistas não apenas compartilham grande relevância na indústria musical, mas utilizam a arte como lugar de expressão de suas identidades, afetos e lutas. Suas obras funcionam como espaços de resistência, revelando o modo como a música pode promover diálogo, identificação e transformação social. A seguir, serão analisadas algumas de suas

canções, considerando como cada uma articula temáticas ligadas à afetividade, identidade e pertencimento na contemporaneidade.

3.1 Tempos de Glória – João

Em “Tempos de Glória”, do artista João (2021), se constrói uma narrativa de autodescoberta, mostrando o percurso de se aceitar e lutar pelo direito de amar, mesmo diante de preconceitos históricos e familiares. A música dialoga diretamente com experiências vividas por adolescentes LGBTQIAPN+, revelando sentimentos de medo, culpa e, ao mesmo tempo, de libertação e afirmação de identidade.

Amar teu igual, o corpo te queima
 O prata da pele, a pele incendeia
 Teu olho molhado na sexta-feira
 Alivia teu peito, já é de manhã
 [...]

 Fomos reis e rainhas
 Sem trono ou altar
 Tua língua e tua boca
 Me sujam sem desculpar
 Minhas mães me criaram
 Pra um mundo bonito
 Me mataram ontem
 Mas nunca me senti tão vivo
 Nós corremos nossa vida inteira
 Agora já podemos descansar
 Deita e o vento te leva
 Pra onde você deve estar
 Tempos de Glória

O verso “Amar teu igual, o corpo te queima” expressa a tensão entre desejo e normas sociais e religiosas, mostrando como amar alguém do mesmo gênero ainda pode ser percebido como transgressão. Essa percepção gera sentimentos de culpa, medo e necessidade de esconder-se, especialmente em adolescentes LGBTQIAPN+, que podem crescer em contextos nos quais a moral cristã regula condutas afetivas. Ao mesmo tempo, o verso transmite intensidade e paixão, sinalizando que a experiência do amor não pode ser plenamente contida, mesmo diante da desaprovação social (Deus, 2022).

Em “Fomos reis e rainhas, sem trono ou altar”, João aborda a autonomia e a afirmação do eu, mesmo na ausência de privilégios ou reconhecimento social. O verso reflete o conflito entre o desejo de existir plenamente e a marginalização imposta por normas e estruturas sociais, evidenciando como adolescentes LGBTQIAPN+ frequentemente enfrentam *bullying*, discriminação e pressões para se igualar à norma. Essa estrofe traduz a luta por ser e amar

livremente, destacando a coragem necessária para resistir a um contexto que nem sempre oferece visibilidade ou apoio (Rosa; Romanini, 2021).

O verso “Tua língua e tua boca / Me sujaram sem desculpar” utiliza a metáfora de “ser sujado” para articular o julgamento social com a experiência íntima de autodescoberta. Ele reflete tanto a pressão externa da sociedade, que critica, ofende e impõe normas rígidas de comportamento, quanto os conflitos internos que adolescentes LGBTQIAPN+ enfrentam ao aceitar seu desejo. Amar alguém do mesmo gênero ou desafiar expectativas de gênero pode ser percebido como perigoso ou “errado”, mas, ao mesmo tempo, constitui um passo essencial na afirmação da própria identidade e na construção de um espaço de autenticidade (Franco, 2015).

Em “Minhas mães me criaram / Pra um mundo bonito / Me mataram ontem / Mas nunca me senti tão vivo”, o trecho pode ser interpretado tanto a partir das idealizações e expectativas projetadas pelos pais quanto como uma reflexão sobre a sociedade, que também limita a expressão da sexualidade e impõe outras formas de “morte” simbólica. Apesar dessas pressões externas, o sujeito resiste e encontra maneiras de afirmar sua identidade. A estrofe evidencia a tensão entre o mundo idealizado pelos pais, as normas sociais restritivas e a vivência real do adolescente LGBTQIAPN+, mostrando que, mesmo diante da desaprovação familiar ou social, é possível experimentar intensidade na liberdade e afirmação de si (Lapolli; Paranhos; Willerding, 2022).

Por fim, em “Nós corremos nossa vida inteira / Agora já podemos descansar / Deita e o vento te leva / Pra onde você deve estar / Tempos de Glória”, João retrata a conquista da autoaceitação e da liberdade afetiva. Após percorrer caminhos marcados por medo, culpa e resistência, o sujeito se afirma plenamente, encontrando pessoas que acolhem sua identidade e experiências. Esse acolhimento possibilita a construção de relações seguras e reconhecedoras, promovendo bem-estar emocional e a vivência plena do amor, reafirmando a capacidade de existir e amar sem restrições (Rosa; Romanini, 2021).

3.2 Te Amo Sem Culpa – Carol Biazin

Em “Te Amo Sem Culpa”, da Carol Biazin (2025), se constrói uma narrativa de liberdade afetiva e o orgulho de amar sem medo ou vergonha. A música dialoga com a vivência de adolescentes LGBTQIAPN+, trazendo à tona a tensão entre expressar afeto publicamente e a necessidade de se proteger de julgamentos e preconceitos sociais. A obra se apresenta como um manifesto de afirmação e resistência, valorizando a autenticidade e a coragem no amor.

Quero te amar na rua, no meio dos carros
 Com a porta aberta e todo mundo ver
 Que eu te amo sem culpa, sem medo
 Descalça na praia, deserto, ou em qualquer rolê
 Quero te amar sob a lua, gritar que sou tua
 Não devo, não temo, nada pra esconder
 Que eu te amo sem culpa, sem medo
 Descalça na praia, deserto, ou em qualquer rolê

O verso “Quero te amar na rua, no meio dos carros / Com a porta aberta e todo mundo ver”, articula a experiência do sofrimento ético-político, evidenciando a dor de viver em uma sociedade que marginaliza identidades LGBTQIAPN+ e busca controlar comportamentos afetivos por meio de normas hegemônicas. Amar livremente, sem ocultar a própria sexualidade ou identidade de gênero, constitui um ato de resistência política, desafiando padrões que historicamente tentam punir afetos considerados “diferentes”. A música, assim, não apenas celebra o amor, mas também reforça a coragem e a autenticidade como formas de afirmar a própria existência (Sawaia, 1999).

A partir disso, percebe-se que a discriminação direcionada à comunidade LGBTQIAPN+ atua frequentemente para reforçar a cisheteronormatividade, limitando a expressão de identidades e afetos que desafiam a norma dominante. Nesse contexto, a aceitação de si e do próprio desejo configura um ato de resistência frente às imposições sociais restritivas. Ao viver o amor sem culpa ou medo, os sujeitos afirmam sua identidade, contestam práticas sociais historicamente voltadas a controlar comportamentos afetivos e evidenciam o caráter político do amor, transformando o afeto em instrumento de empoderamento e liberdade (Tagliamento *et al.*, 2021).

O verso “Que eu te amo sem culpa, sem medo / Descalça na praia, deserto, ou em qualquer rolê” reforça a ideia de liberdade e orgulho LGBTQIAPN+. A declaração de amor sem medo ou culpa evidencia o impacto de pressões sociais sobre adolescentes dessa comunidade, que podem crescer internalizando sentimentos de vergonha ou insegurança. Ao se permitir amar abertamente, o sujeito reafirma sua identidade, promovendo autoconfiança, bem-estar e resistência às imposições sociais (Borrillo, 2010).

Por fim, ao repetir “Não devo, não temo, nada pra esconder / Que eu te amo sem culpa, sem medo”, a música consolida o afeto como instrumento de afirmação pessoal e social. A canção reforça a ideia de que o amor, quando vivido de forma livre e genuína, contribui para a construção de relações seguras e experiências emocionais plenas, mostrando que a aceitação de si e do próprio desejo é um processo de resistência e empoderamento frente às normas restritivas da sociedade (Tagliamento *et al.*, 2021).

3.3 Preta – Anavitória

A canção “Preta”, da dupla Anavitória (2018), pode ser interpretada como um diálogo entre mãe e filha, construindo uma narrativa de vínculo, cuidado e acolhimento familiar. A música revela a família como espaço de afetividade, pertencimento e formação da identidade, especialmente para adolescentes LGBTQIAPN+, que muitas vezes vivem conflitos entre o desejo de ser aceito e as normas sociais que limitam sua expressão. Ao longo da canção, mãe e filha se escutam, se reconhecem mutuamente e expressam valores como respeito e liberdade de ser.

Ôh preta, ainda bem que tu existe
 Pra me saber e me cuidar se aqui é triste
 E ensinar que não é não
 E a vida é sim melhor quando se dá amor
 Se por acaso eu te disser
 Que meu segredo é ser segredo pra você
 Será que muda aí dentro teu querer?
 O teu amor eu não arrisco de perder
 [...]
 Pretinha
 O céu tá ali pra te enfeitar
 Não tem um peso em quem veio pra amar
 Não tem escolha quando o coração quem diz
 Pretinha
 Não tem problema se doer
 Me deixa perto pra fazer passar
 Tem nada errado se é o que te faz feliz

No primeiro trecho, “Ôh preta, ainda bem que tu existe / Pra me saber e me cuidar se aqui é triste / E ensinar que não é não / E a vida é sim melhor quando se dá amor”, percebe-se a voz da filha reconhecendo a importância da mãe como referência de cuidado e orientação. A música evidencia como o vínculo familiar funciona como espaço de aprendizado emocional, autonomia e respeito, mostrando que o reconhecimento e o afeto no seio familiar são essenciais para o desenvolvimento identitário e afetivo (Assis; Avanci, 2004).

Nos versos “Se por acaso eu te disser / Que meu segredo é ser segredo pra você / Será que muda aí dentro teu querer? / O teu amor eu não arrisco de perder”, a filha revela vulnerabilidade ao compartilhar sua identidade e seus afetos. O “segredo” funciona como metáfora para as experiências de adolescentes LGBTQIAPN+ que temem a rejeição familiar. A música mostra que o medo de perder o afeto e a proteção da família e reflete o papel central do núcleo familiar na construção da autoestima e da autopercepção (Rosa; Romanini, 2021).

A resposta da mãe, em “Pretinha / O céu tá ali pra te enfeitar / Não tem um peso em quem veio pra amar / Não tem escolha quando o coração quem diz”, reafirma o direito da filha de amar e viver sua identidade sem culpa. Esse acolhimento mostra como o apoio familiar

possibilita resistir às normas sociais e culturais que limitam a expressão de afetos e identidade, sendo a família um espaço de legitimação e proteção emocional (Lapolli; Paranhos; Willerding, 2022).

Na última estrofe, “Pretinha / Não tem problema se doer / Me deixa perto pra fazer passar / Tem nada errado se é o que te faz feliz”, observa-se o cuidado da mãe ao validar as dificuldades e dor da filha, oferecendo escuta e presença. A mensagem central da canção é a aceitação familiar, que funciona como instrumento de fortalecimento emocional e resistência às pressões que dificultam a afirmação da identidade (Carvalho; Melo, 2019).

Dessa forma, “Preta” se apresenta como uma representação de uma família que acolhe e legitima a diferença. Embora a aceitação familiar plena não seja uma realidade comum entre adolescentes LGBTQIAPN+, quando ocorre, exerce um papel fundamental e diferenciador na construção da identidade, fortalecendo a autoestima e promovendo resiliência frente às pressões sociais.

3.4 Intimidade – Liniker e os Caramelows

A canção “Intimidade”, de Liniker e os Caramelows (2019), apresenta uma narrativa marcada pelo afeto e pelo desejo que se opõem à lógica da marginalização e da vergonha, especialmente associadas aos corpos trans e travestis. A música pode ser interpretada como uma afirmação de liberdade íntima e de reciprocidade afetiva, rompendo com a clandestinidade que historicamente circunscreveu os relacionamentos LGBTQIAPN+. Ao longo da letra, percebe-se uma valorização do cuidado, da entrega e do prazer mútuo, constituindo o afeto como espaço de resistência frente às normas cisheteronormativas e à exclusão social.

Vem me visitar de madrugada, coloca tua mão em mim que eu deixo
Sem pressa você chega e fica, eu finco afeto nesse peito
Três dias sendo leito, mamando no peito desse calor que é bom
Sei que eu tenho o dom de dar mergulho com o olhar
Pega e dirige para a casa no dia, também
Que o nosso carinho não dói em ninguém
Sou tua amiga, amante, serpente, meu doce bem

Nos versos “Vem me visitar de madrugada, coloca tua mão em mim que eu deixo / Sem pressa você chega e fica, eu finco afeto nesse peito”, a madrugada, muitas vezes associada à clandestinidade do amor LGBTQIAPN+, ganha um novo sentido: é o espaço da liberdade íntima, da reciprocidade e da ternura. Liniker articula a possibilidade de viver o desejo sem culpa nem medo, evidenciando que o afeto não precisa ser escondido. Ao mesmo tempo, no trecho “Pega e dirige para a casa no dia, também / Que o nosso amor não dói em ninguém”,

observa-se a reivindicação do direito ao amor presente e contínuo, mostrando que os relacionamentos transgressivos à cisheteronormatividade também podem ocupar o espaço público e diurno, sem reduzir-se a encontros furtivos (Almeida; Belo, 2019).

O trecho final, “Sou tua amiga, amante, serpente, meu doce bem”, desestabiliza categorias rígidas e binárias do amor, apresentando uma identidade fluida e plural. A justaposição entre “amiga”, “amante” e “serpente” evidencia a multiplicidade de formas de ser e de se relacionar, em sintonia com a perspectiva *queer*, que entende gênero e desejo como construções performativas, abertas e em constante transformação. Essa pluralidade não apenas amplia as possibilidades de afeto, mas também questiona as normas que historicamente restringiram os corpos trans e travestis à marginalidade afetiva e sexual (Rovai, 2021).

A música também traz à tona o contexto de vulnerabilidade e de insegurança que pessoas trans enfrentam nos relacionamentos amorosos. A necessidade de “confissão” da identidade corporal e sexual, bem como o risco de rejeição, de estigmatização e de violência, coloca esses sujeitos em uma posição de fragilidade social, expondo-os a experiências de sofrimento e controle normativo. Nesse sentido, Liniker reafirma o afeto como instrumento de empoderamento, mostrando que amar abertamente é um ato político que desafia o controle social sobre corpos e afetos (Nascimento, 2021).

Desse modo, “Intimidade” se apresenta como uma celebração do afeto seguro, da reciprocidade e da autenticidade nos relacionamentos LGBTQIAPN+, evidenciando que a coragem de viver o amor sem medo ou vergonha constitui um importante ato de resistência à cisheteronormatividade. A canção reforça a necessidade de reconhecimento social e de dignidade, ao mesmo tempo em que posiciona o amor e o cuidado mútuo como elementos centrais na construção da identidade e do bem-estar emocional das pessoas trans e travestis (Rovai, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito compreender de que forma a música pode contribuir para o processo de construção da identidade de adolescentes LGBTQIAPN+, a partir da análise de letras de artistas brasileiros contemporâneos. Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que a música, mais do que uma expressão estética, constitui um espaço afetivo, político e social, que permite a elaboração de vivências, a legitimação de identidades dissidentes e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento. Nesse sentido, o estudo confirmou que as produções musicais analisadas, de Jão, Carol Biazin, Anavitória e Liniker, operam como

narrativas de resistência, nas quais o amor, o afeto e o reconhecimento emergem como formas de enfrentamento às normas cisheterossexuais que historicamente marginalizam corpos e subjetividades LGBTQIAPN+.

A análise revelou que, na adolescência, período marcado por intensas transformações e pela busca de sentido e aceitação, a música desempenha papel relevante na constituição da subjetividade. Para adolescentes LGBTQIAPN+, que frequentemente vivenciam exclusão, medo e silenciamento, ela oferece um espaço de escuta, identificação e expressão de afetos. As canções analisadas abordam o amor, a liberdade e a aceitação de si como dimensões centrais para a construção identitária, transformando experiências de dor em possibilidades de criação. Nesse processo, os artistas estudados tornam-se figuras de referência e representação, promovendo reconhecimento e fortalecendo o sentimento de pertencimento coletivo.

Constatou-se também que a música atua como instrumento de transformação social ao tensionar discursos e dispositivos que sustentam desigualdades e preconceitos. Ao dar visibilidade a afetos dissidentes e afirmar a pluralidade das existências, os artistas analisados ampliam os horizontes de compreensão sobre gênero e sexualidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa. A arte, nesse contexto, cumpre um papel ético e político: o de afirmar que existir e amar são, em si, atos de resistência.

Por fim, este trabalho reforça a importância de se reconhecer o papel da música como linguagem e ferramenta de subjetivação, sobretudo para adolescentes que buscam se compreender e se afirmar em meio a contextos de opressão. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam estimular novas pesquisas na Psicologia e em áreas afins, voltadas à compreensão dos processos identitários mediados pela arte e pela cultura. A música, ao traduzir experiências individuais em expressões coletivas, reafirma-se como espaço de vida, escuta e liberdade, onde, mesmo após tantas tentativas de silenciamento, ecoa a mensagem de que estar vivo é, também, um ato político e poético.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. de; CURY, L. O artista e sua importância na constituição de uma narrativa identitária para a comunidade LGBT. *In: URQUIDI, V. et al. (org.). Estado e lutas sociais na América Latina: sociedade, economia e política.* São Paulo: PROLAM – USP, v. 2, p. 623–636, 2019.

ALMEIDA, M. M.; BELO, F. R. R. As mulheres trans como objeto de amor: Leitura laplancheana. *Revista Periódicus, [S. l.]*, v. 2, n. 11, p. 65–82, 2019.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. O adolescente e sua família: prismas que constroem o 'eu'. *In: Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

BARTOLOMÉ, W. J. D. F. **Assisto, logo existo**: a representação da identidade LGBT na trama do personagem Eric da série Sex Education, da Netflix. 2019. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CANNAVÔ, V. B.; HABOWSKI, A. C.; SANTOS, E. G. dos. Identidade e pertencimento no rap: uma análise das músicas do rapper Djonga. **Cenas Educacionais**, Caetité, BA, v. 7, n. e21559, p. 1–24, 2024.

CARDOSO, B. dos S. Nossa voz, nossa luta: a música como ferramenta de resistência e libertação para a comunidade LGBTQIA+. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 21, p. 117–124, 2021.

CARVALHO, J. B.; MELO, M. C. A família e os papéis de gênero na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019.

CAVALCANTI, G. M. C. Gênero, militância LGBT e musicologia queer no Brasil. **Revista Música em Foco**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 6–10, set. 2018.

CAVALCANTE, M. A.; PEREIRA, A. A. Adolescência, saúde mental e TransLGBQIA+fobia no ambiente escolar. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima**, Boa Vista, RR, p. 39–49, ago. 2023.

CORREA, S. R. S. **Ouvinte consciente**: arte musical. São Paulo: Ed. do Brasil, 1975.

COSTA, B. B. **“Quando a família sai do armário”**: a experiência de mães/pais de adolescentes LGBT. 2022. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2022.

DEUS, A. C. F. E. **Saúde mental das pessoas LGBTQIA+**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2022.

FEDEGER, A. M. *et al.* A vulnerabilidade e o desempenho ocupacional de adolescentes vítimas de LGBTfobia no Brasil. *In: SILVA, M. F. F. da (org.). Políticas públicas e mobilidade urbana: uma compreensão científica da atualidade*. Guarujá, SP: Científica Digital, p. 91–106, 2021.

FERREIRA, M. dos S.; TRAVERSINI, C. S. A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207–226, jan. 2013.

FLORÊNCIO, N. L. **A construção da identidade adolescente sob a influência da música em jovens integrantes da banda em Redenção**. 2016. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2016.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FRANÇA, A. B. T. de; FRANÇA, L. B. L. de; BRITO, J. D. da S. A influência da música na construção da identidade dos adolescentes: uma revisão integrativa. **Estudos em Ciências da Saúde**, [S. l.], v. 1, e13781, 2025.

FRANCO, C. H. P. Beije um garoto. Eu sou gay? Caminhos para pensar adolescência e homossexualidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GUIDA, S. L. A. G. *et al.* Construção de identidade na adolescência: dilemas individuais e sociais. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2024.

INTIMIDADE. Intérprete: Liniker e os Caramelows. Compositores: Fernando Travassos Falcoski; Liniker de Barros Ferreira Campos. *In: GOELA Abaixo*. Intérprete: Liniker e os Caramelows. [S. l.]: Let's GIG, 2019. 1 álbum (3 min 14 s). Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2myQE9T8UAbl5u6Wg3UT2J?si=fSQ0KdaRRPaLNILEChXPGw>. Acesso em: 1 nov. 2025.

LAPOLLI, É. M.; PARANHOS, W. R.; WILLERDING, I. A. V. **Diversidades: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças**. Florianópolis: Pandion, 2022.

LEITE, V. **A importância das políticas de educação no cenário recente da política sexual brasileira: venturas e desventuras dos “adolescentes LGBT” na relação com instituições escolares**. 2018. 19 f. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, DF, 9–12 dez. 2018.

MAGALHÃES, N. M.; FELIPPE, A. M. Música como forma de expressão social na juventude e prevenção da criminalidade. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 463–485, jul./dez. 2022.

MARCIANO, J. C. S. **Abaixo à conspiração do silêncio! A importância da representatividade na mídia para adolescentes LGBTQIA+ e a utilização dessa representação como ferramenta de discussão em sala de aula**. 2021. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021.

MARINHO, S. Gênero, sexualidades e adolescência: interseções identitárias possíveis fora do(s) armário(s)? Reflexões a partir da experiência num Centro de Cidadania LGBT. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO*, 8., 2016, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora: ABEH; UFJF, 2016.

MORAES, L. A. S. S. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **TransForm. Psicol.**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 86–98, 2009.

NASCIMENTO, L. C. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NATTIEZ, J.-J.; LACERDA, M. B.; COELHO, L. L. Etnomusicologia. **Revista Música**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 417–434, 2020.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

PRETA. Intérprete: Anavitória. Compositora: Ana Caetano. *In: O TEMPO É Agora*. Intérprete: Anavitória. Local: [S.l.]:Universal Music, 2018. 1 álbum (3 min 8 s). Disponível em:
<https://open.spotify.com/track/6hLuKNWJtf2k7Zi0PINKH0?si=UX70XaemRp6ByTnf7gyEE>
Q. Acesso em: 1 nov. 2025.

RIBEIRO, K. dos S. Música contra a ditadura militar no Brasil: expressão, repressão e resistência. *In: FERRAZ, M.; MARTINELLI FILHO, N.; SALGUEIRO, W. (orgs.). Literatura e cultura no Brasil de 1964 a 1985: poemas, peças, ficções*. Espírito Santo: s.n., 2024. p. 117–132.

ROSA, R.; ROMANINI, M. Da culpa e do medo ao alívio e desejo de ser quem se é: A “saída do armário” de jovens homo e bissexuais para suas famílias. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 414–437, 2021.

ROVAI, M. G. de O. Por uma história dos afetos no presente: Narrativas de mulheres trans/travestis sobre o direito de amar. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 72, p. 228–256, 2021.

SANTANA, G. C.; SANTOS, E. F. Música queer brasileira. *In: CONQUEER – CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM GÊNERO E SEXUALIDADE*, 2018, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, p. 480–491, 2018.

SANTANA, R. C. J.; CECCARELLI, P. R. Intolerância na adolescência: a resistência de adolescentes LGBTI+ à homofobia. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 42, n. 80, p. 73–82, dez. 2020.

SANTOS, Y. G. de S. *et al.* Adolescência(s), homossexualidade(s) e cidadania: reflexões sobre as juventudes diversas. *In: TARDIVO, L. S. de L. P. C. (org.). Adolescência e sofrimento emocional na atualidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 700–712, 2018.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In: SAWAIA, B. (Org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 97–117, 1999.

SILVA, D. F.; PAULINO-PEREIRA, J. P.; AMORIM, R. C. Música, juventudes e resistência LGBTQIAP+: sentidos de pertencimento e afirmação identitária. **Revista Brasileira de Estudos da Juventude**, v. 11, n. 26, p. 220–245, 2023.

SILVA, S. M. D. Vozes da resistência: a memória através da arte no Brasil. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 26, p. 443–458, 2024.

SILVEIRA, R. A música e a cultura popular como ferramentas de resistência LGBTQI+. **Revista Tempo Amazônico**, Macapá, v. 6, n. 1, p. 27–43, jul./dez. 2018.

SOUZA, A. C. S. de; SANTOS, B. C. C. dos. **Influência da música na formação psicossocial de jovens adolescentes do IFPB**. 2021. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Instrumento Musical Integrado ao Ensino Médio) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, João Pessoa, 2021.

TAGLIAMENTO, G.; SILVA, S. S. C. da; SILVA, D. B. da; MARQUES, G. de S.; HASSON, R.; SANTOS, G. E. dos. Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 77–112, 2021.

TE AMO SEM CULPA. Intérprete: Carol Biazin. Compositores: Carol Biazin; Donato Veríssimo; Tiê Castro. *In: No ESCURO, Quem É Você?*. Intérprete: Carol Biazin. Local: [S. l.]: Universal Music, 2025. 1 álbum (3 min 13 s). Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1chcsgpMWNnfTuhXSujoUA?si=zs9j6gHTCu8p6GifLJU4Q>. Acesso em: 1 nov. 2025.

TEMPOS DE GLÓRIA. Intérprete: Jão. Compositor: Jão. *In: PIRATA*. Intérprete: Jão. São Paulo: Universal Music, 2021. 1 álbum (2 min 26 s). Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2IPiQ14lQXFkEYHNuBfYKV?si=MyPYXcgWTUumAi13TUG2Q>. Acesso em: 1 nov. 2025.

ZDEBSKYI, J. de F.; MÁXIMO, C. E.; BATISTA PEREIRA, U. T. Relações sociais e redes de apoio na adolescência: experiências mediadas pela música. **Barbarói**, n. 58, p. 8–29, 2021.